

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO CORPORAL PARA OS DISCENTES DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Higor Cruz da Silva¹
Renato Martins Redovalio Ferreira²
Fabio Brandolin³

INTRODUÇÃO

O conhecimento corporal é um aspecto importante para o progresso do indivíduo que tem o conceito intelectual sobre o seu corpo, o que permite a formação de sua imagem corporal. Este processo acontece gradativamente durante o desenvolvimento humano, através de estímulos que as crianças recebem durante o processo de maturação.

Para a criança com deficiência visual, a busca por este conhecimento corporal, acontece de forma mais lenta e se dá através dos estímulos sensoriais, assim, por conta da perda visual este conceito é trabalhado com os sentidos remanescentes (LE BOULCH, 1982).

O presente trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a importância do conhecimento corporal para os discentes de Orientação e Mobilidade (OM) do Instituto Benjamin Constant e como objetivos específicos entender o trabalho que é desenvolvido nas aulas de OM, definindo o que é conhecimento corporal e sua relevância no processo de ensino da OM.

O trabalho se justifica tanto pelo fato de que, durante o processo de ensino das técnicas de OM muitos discentes apresentam dificuldades de aprendizagem, na relação corpo/objeto/meio, impossibilitando uma aquisição eficiente de sua autonomia, como também pela pouca literatura e divulgação existentes sobre a técnica Orientação e Mobilidade e suas especificidades.

A partir destas questões, buscou-se apresentar uma abordagem sobre a atividade de OM que faz parte do programa de reabilitação, e ainda refletir sobre o que é cegueira e conhecimento corporal, fazendo uma relação entre ambos.

A metodologia utilizada teve como base uma pesquisa bibliográfica, em que foram pesquisados autores e artigos referentes ao tema. Como falado acima, a literatura sobre

¹Especialista em Educação especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís – MA
higorcruz@ibc.gov.br

²Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ
renatoferreira@ibc.gov.br

³Doutor em Educação pela Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) – RJ
fabiobrandolin@ibc.gov.br

Orientação e Mobilidade, assim como sobre a inclusão das pessoas com deficiência visual é escassa e pouco atualizada.

1.1 A deficiência visual

Conforme BOLONHINI Júnior (2004) “a deficiência visual é a perda total ou parcial da visão definitivamente”. Há dois tipos de deficiência visual: cegueira e baixa visão”.

Segundo NUNES S.; LOMÔNACO J.F.B (2010): “A cegueira é uma deficiência visual, ou seja, uma limitação de uma das formas de apreensão de informações do mundo externo - a visão. A baixa visão ou visão subnormal é caracterizada por um comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após realização de tratamento ou correção. A pessoa com baixa visão consegue ler textos impressos ampliados ou usando recursos óticos especiais (DORINA NOWILL, 2022).

O MEC descreve a cegueira como “uma alteração grave ou total de uma das funções elementares da visão que afeta de modo irreversível a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição e movimento em um corpo mais ou menos abrangente” (BRASIL, 2001, p.15). A cegueira pode se apresentar, se desenvolver e acometer o indivíduo de várias formas e aspectos diferentes, como acidentes, doenças entre outros, podendo ser ainda hereditária ou adquirida, levando o indivíduo a perda total ou parcial da visão.

Segundo LOWENFELD (1977) e OCHAITÁ (1992), a falta da visão acarreta efeitos diretos no desenvolvimento e aprendizagem da criança de forma imediata numa relação de causa e efeito, interferindo diretamente nos aspectos referentes ao alcance e variedade de experiências, formação de conceitos, orientação e mobilidade, interação com o ambiente, acesso a informações impressas importantes como: "Desvio", "Alta tensão", "Não é permitida a passagem de pedestres" e outros.

1.2 Orientação e Mobilidade

A Orientação e Mobilidade surge através da busca da pessoa com deficiência visual de sua autonomia. HOFFMANN e SEEWALD (2003) entendem que a “Orientação e Mobilidade (OM) é uma atividade motora e pode ser definida como o processo amplo e flexível, composto por um conjunto de capacidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais e por um elenco de técnicas apropriadas e específicas, que permitem ao seu usuário conhecer, relacionar-se e deslocar-se de forma independente e natural nas mais diversas estruturas,

¹Especialista em Educação especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís – MA
higorcruz@ibc.gov.br

²Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ
renatoferreira@ibc.gov.br

³Doutor em Educação pela Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) – RJ
fabibrandolin@ibc.gov.br

espaços e situações do ambiente”. A OM busca capacitar a pessoa com deficiência visual a usar seus sentidos remanescentes, permitindo o seu ir e vir com segurança e autonomia.

Orientação e Mobilidade no Instituto Benjamin Constant (IBC)

No IBC a OM é desenvolvida como uma disciplina em dois setores: Departamento de estudos e pesquisas médicas e de reabilitação (DMR) e Departamento de educação (DED). No primeiro é aplicada a pessoas com deficiência visual (jovens e adultos) e em pessoas que nunca tiveram o atendimento especializado e no segundo (DED) é aplicada para os alunos da instituição. O tempo máximo de atendimento é de dois anos, variando de acordo com a necessidade de cada pessoa, podendo o profissional (professor) terminar o atendimento com autonomia total do aluno ou com restrições.

O Desenvolvimento da O.M na reabilitação é dividida em três partes, guia – vidente, autoproteção e bengala longa.

Técnica do guia – vidente

A técnica de guia-vidente é a primeira prática desenvolvida, em que o aluno aprende a se familiarizar com o ambiente que ele está convivendo. Esta prática pode ser utilizada, tanto em ambientes internos, quanto externos, e o aluno poderá utilizar durante e após o processo de aprendizagem. Durante o aprendizado da técnica o aluno será conduzido pelo guia ao seu destino, sabendo interpretar as informações que o guia passa para ele, tendo uma leitura corporal do guia na obtenção de possíveis obstáculos no caminho.

Técnica da Autoproteção

Esta técnica ensina o aluno a movimentar-se em ambientes familiares com independência e segurança, em situações que utiliza seu corpo para se orientar, proporcionando uma locomoção com segurança e eficiência, minimizando a possibilidade de acidentes por conta da perda visual.

Técnica da Bengala longa ou técnica de Hoover

A técnica da bengala longa de Hoover, surgiu com a percepção do médico americano oftalmologista Dr. Richard Hoover, de que os ex-combatentes cegos da segunda guerra mundial, do programa de reabilitação, tinham grande dificuldade de locomoção. A partir desta constatação, ele montou uma equipe que se propôs a criar alternativas visando mudar este quadro.

¹Especialista em Educação especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís – MA
higorcruz@ibc.gov.br

²Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ
renatoferreira@ibc.gov.br

³Doutor em Educação pela Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) – RJ
fabibrandolin@ibc.gov.br

A bengala criada por Hoover, abriu novas possibilidades para uma maior autonomia e segurança da pessoa com deficiência visual, minimizando os riscos de acidentes. Além disso, ele desenvolveu o modelo de OM como é composto hoje. Segundo o MEC (2003):

“A bengala criada por Hoover media aproximadamente, 1,42m de comprimento, por 1,2cm de diâmetro e pesando 186 g, com a extremidade inferior arredondada para facilitar o deslizamento no contato com o solo. Criou e desenvolveu um sistema de exploração tátil e cinestésica por extensão, estruturando um programa de Orientação e Mobilidade em três etapas: utilização do guia-vidente, técnicas de autoajuda e técnicas para utilização da bengala longa.”

A utilização da técnica da bengala longa pode ser aplicada desde a infância, dependendo de algumas situações relacionadas a idade, como maturidade, responsabilidade e domínio de competências e habilidades que favoreçam o processo, até a idade em que a pessoa tenha condições de se locomover sozinha. A utilização da técnica de Hoover, promove autonomia à pessoa com deficiência visual, minimizando os riscos de acidentes e dando maior segurança.

1.3 Conhecimento corporal

O Conceito corporal é o conhecimento que uma pessoa tem de seu corpo e a maneira com que ela se relaciona com o meio, assimilando de forma consciente que existe uma sequência lógica da cabeça para os pés, da direção anterior para a posterior entre outras. A imagem corporal para a pessoa com deficiência visual, pode se apresentar de várias formas dependendo do grau e do tempo que a deficiência foi adquirida.

De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional (PCN) o corpo humano deve ser entendido como um organismo integrado, que interage com o meio físico, que sente dor, alegria, medo etc. Para conhecê-lo requer que se tenha conhecimentos anatômicos, fisiológicos, biomecânicos e bioquímicos, e assim capacitá-lo para programas de atividade física, estabelecendo critérios de julgamento que regulem as atividades corporais, no trabalho e no lazer (BRASIL, 2001, p. 46)

O conhecimento corporal da pessoa com deficiência visual pode ser absorvido através de formas voluntárias e involuntárias, e adquirido de maneira consciente e inconsciente através de atividades direcionadas pelo docente. Com base nisso, as atividades devem ser trabalhadas de forma que estimulem os diferentes aspectos do conhecimento do corpo, como

¹Especialista em Educação especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís – MA
higorcruz@ibc.gov.br

²Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ
renatoferreira@ibc.gov.br

³Doutor em Educação pela Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) – RJ
fabibrandolin@ibc.gov.br

o esquema corporal, a direção, a lateralidade, a noção espaço-temporal, o equilíbrio, a coordenação, a tonicidade e o ritmo.

Resultados e discussões

A partir do visto acima, observa-se a total relação do conhecimento corporal com a OM. Segundo o MEC (2003),

“Conceitos básicos relacionados à Orientação e Mobilidade são necessários para a pessoa com deficiência visual movimentar-se com segurança e eficiência. O conhecimento corporal, por exemplo, é fundamental, devendo-se dar especial atenção a: esquema corporal, conceito corporal, imagem corporal, planos do corpo e suas partes, lateralidade e direcionalidade”.

A pessoa com deficiência visual necessita do domínio do conhecimento corporal, imagem corporal, noção espacial, lateralidade, ritmo, coordenação motora, além de noção de formas, topografias, medidas, ambientes, temperaturas e texturas, para se orientar e começar a sua mobilidade com segurança e eficácia. O trabalho voltado para o aprendizado nas aulas de OM é baseado no desenvolvimento dessas habilidades e se a pessoa com deficiência visual não tiver o domínio delas, poderá comprometer sua autonomia.

Considerações finais

De acordo com a pesquisa realizada, é possível concluir que o conhecimento e o domínio do esquema corporal são de suma importância para o aprendizado e o desenvolvimento do aluno nas aulas de OM, por nortear sua capacitação e autonomia.

O docente deve proporcionar ao aluno com deficiência visual, situações que façam com que ele adquira as habilidades de forma lúdica, prazerosa, estimulando sua participação em atividades físicas, recreativas, com brinquedos e brincadeiras onde os movimentos básicos são amplamente contemplados, visando com que o aluno ao receber um comando de orientação, possa se direcionar e cumprir corretamente e que seja capaz de fazer uma leitura exata e precisa das informações percebidas.

O Instituto Benjamin Constant, por ser uma instituição de referência no atendimento às pessoas com deficiência visual no Brasil, está sempre em busca do aprimoramento de técnicas, informações e tecnologia, auxiliando e melhorando o serviço prestado, dando suporte necessário para que o aluno possa transpor os obstáculos da melhor maneira possível.

¹Especialista em Educação especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís – MA
higorcruz@ibc.gov.br

²Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ
renatoferreira@ibc.gov.br

³Doutor em Educação pela Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) – RJ
fabioandolin@ibc.gov.br

Com este intuito a pessoa com deficiência visual é atendida por uma equipe multidisciplinar, a fim de que o processo de trabalho seja facilitado, tanto para os profissionais quanto para os alunos. Dentro desta proposta, uma disciplina acaba complementando o trabalho da outra, ratificando assim a ideia de que o atendimento de OM deve ser voltado para o domínio e o conhecimento do corpo, facilitando sua aplicação.

Palavras chaves: Instituto Benjamin Constant; Orientação e Mobilidade; Deficiência visual; Conhecimento Corporal.

Referências bibliográficas

BOLONHINI JUNIOR, Roberto. Portadores de necessidades especiais: as principais prerrogativas e a legislação brasileira. São Paulo: Editora Arx, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Formação de Professor: orientação e mobilidade. Brasília: SEESP/MEC, 2001.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. Orientação e Mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual. Brasília, 2003.

GARCIA, N. Como Desenvolver Programas de Orientação e Mobilidade Para Pessoas com Deficiência Visual. In: BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. Orientação e Mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual. Brasília, 2003.

HOFFMANN, S.B.; SEEWALD, R. Caminhar sem Medo e sem Mito: orientação e mobilidade. 2009. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/orienta> Acesso em: 30 mai. 2022.

LE BOULCH, J. (1982). O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos seis anos. Porto Alegre: Artes Médicas.

LOWENFELD, B. Our blind children, growing and learning with them. Springfield: Charles C. Thomas Publisher. 1977.

NOWILL, Dorina. O que é deficiência? Disponível em: https://fundacaodorina.org.br/a-fundacao/pessoas-cegas-e-com-baixa-visao/o-que-e-deficiencia/?gclid=CjwKCAjwqauVBhBGEiwAXOepkYONT7RLvMt1WXn_b9G3jPclI54KC3fYLdRM70T_zbRVA5lcXfcF_BoCxqwQAvD_BwE Acesso em: 16 jun. 2022.

NUNES, S., LOMÔNACO, J. F. B. O aluno cego: preconceitos e potencialidades, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 55-64. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/YKv7sx5Zp6557RQvrBQ66gp/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 mai. 2022.

OCHAITA, E; HUERTAS, J. A.; Diferentes procedimientos de externalización de la representación espacial: un estudio evolutivo con niños ciegos. Estudios de Psicología, 1992.

¹Especialista em Educação especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luís – MA
higoracruz@ibc.gov.br

²Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - RJ
renatoferreira@ibc.gov.br

³Doutor em Educação pela Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) – RJ
fabioandolin@ibc.gov.br